

OPINIÃO PESSOAL

A arte de enganar milhões

HÉLIO DUQUE

"Res, non verba" - Realidades, não palavras - é um conceito latino clássico. Na moral das fábulas dignas de Esopo, a criatividade simples de dois povos.

Os italianos dizem: "Não conte com os ovos até que a galinha ponha os ovos." A moral dos hindus: "Não venda o peixe que ainda está no mar." Já no mundo das notícias reais, onde as informações fanta-

siosas, baseadas em "slogans" devem ser combatidas, o jornalista norte-americano William Safire é autor que deve ser reverenciado. Editoralista do *The New York Times*, no seu livro *Dicionário político*, afirma: "Este é um dicionário de palavras que enganaram milhões, destruíram reputações, criaram falsas esperanças, preveniram inquéritos e substituíram debates objetivos por frases estereotipadas que provocaram louvor ou ódio injustificado."

A síntese dessa introdução é ob-

jetiva: não existem palavras capazes de atropelar por muito tempo a realidade. E tem uma atualidade vigorosa na vida brasileira, onde a propaganda falsificadora vende diariamente pela mídia avanços e conquistas na sociedade conflitantes com a verdade. No epicentro, um governo deslumbrado nos comícios que promove pelo País afora, continua vendendo peixe que ainda está no mar. Para isso conta com um Poder Legislativo desvirtuado nas suas prerrogativas fiscalizadoras. O debate foi banido do Congresso Nacional, reduziu a

um quase departamento político do Palácio do Planalto. Nunca antes na história desse País, a representação popular no Parlamento foi tão omissa.

Didaticamente comprovarei, baseado em fatos objetivos e fundamentados em estudos e pesquisas de respeitáveis autores, que a renda nacional por habitante vem, desde 1995, se reduzindo de maneira consistente. Se comparada com a renda dos países emergentes e com os próprios vizinhos da América Latina, é um desastre total. No Brasil, entre 1995 e 2008, a renda por habitante cresceu 59%. Enquanto nos países emergentes o crescimento foi de 123%. Na América Latina, foi de 68,5%. Mesmo

O DEBATE COMPETENTE DAS QUESTÕES NACIONAIS FOI BANIDO.

com a economia brasileira crescendo, como ocorreu nos últimos anos, **acrescido das transferências de renda dos programas compensatórios, o ganho anual por habitante teve efetiva redução.** O que coloca o Brasil, nos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, na posição de

lanterna na distribuição de renda entre os países emergentes.

O economista Reinaldo Gonçalves, professor titular em economia internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, constatou: "Em 1995, a renda do brasileiro equivalia a 2,57 vezes à do habitante dos países em desenvolvimento. Em 2008, essa diferença caiu para 1,83 vezes. Este ano, o número cairá para 1,8 vezes. Em relação à América Latina, a renda *per capita* brasileira que correspondia a 1,02 vezes à da região em 1995, passou a ser apenas 0,96 no

ano passado. Em 2009, cairá para 0,95. Em 2008, o ganho anual *per capita* foi de US\$ 10.298."

Nas patologias da desigualdade, continuamos a ser um dos países mais desiguais do mundo. Esta anomalia só pode ser combatida e erradicada através investimento pesado na infraestrutura social, principalmente na educação, nas áreas de saúde pública e nas redes de proteção social. Para isso o mecanismo a ser usado é a progressividade de tributos com alocação prioritária naquelas áreas. Não se

reduz as desigualdades sociais com ações caritativas, de maneira consistente e permanente. Apenas ameniza a miséria.

A relativa redução da desigualdade na América Latina, ainda muito tímida, deu-se na faixa da pobreza extrema e foi consequência de uma tendência a nível mundial. É o que constata a professora e socióloga Nora Lustig, da Universidade George Washington, dos Estados Unidos, em trabalho publicado recentemente. No Brasil, a divulgação da sua pesquisa foi feita pelo jornalista Merval Pereira,

no jornal *O Globo*. Na parte referente ao nosso País, ele transcreve: "No Brasil, o estudo destaca que no governo Lula se detecta uma aceleração da pobreza e da desigualdade, que nos anos anteriores se mantiveram estáveis ou haviam sido reduzidas ligeiramente."

O trabalho da professora Nora Lustig, na parte referente ao Brasil, mostra fina sintonia com uma realidade gerada pelo crescimento nos últimos anos. Onde não houve melhora substancial no mercado de trabalho e na renda por habitante.

O crescimento do poder aquisitivo das classes C e D, além da estabilidade econômica, a melhoria da renda naqueles segmentos pode ser atribuída, de acordo com o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro: "10% do salário mínimo, 40% ao Bolsa Família e 50% do trabalho, que tem um papel importante. O Bolsa Família atinge 25% da população e tem capilaridade e agilidade, depende apenas de uma decisão administrativa. Mas a

mentalidade não é essa. Se você aumenta os direitos, aumenta os deveres de quem paga imposto e trava o lado real da economia."

As perguntas que devem ser feitas são claras: as políticas de proteção de renda nas camadas de pobreza extrema são sustentáveis? a redução das desigualdades, sendo uma exigência de justiça social, não seria mais eficiente com a adoção de políticas públicas na educação e qualificação dos seus cida-

dãos?; as reformas trabalhista, tributária, previdenciária, de mentalidade não seriam corolários para nos transformarmos em um país mais igualitário?; e não estaríamos incorrendo em erros na política fiscal, com gastos exagerados da máquina burocrática?

Infelizmente, o debate competente das questões nacionais foi banido do foro que deveria travá-lo que é o Congresso Nacional. Já o governo federal aproveita o vácuo, invade diariamente a mídia eletrônica em verdadeiros "meetings" e com palavras estereotipadas gera falsas esperanças, levando no bico e enganando milhões de brasileiros.

Hélio Duque é doutor em Ciências, área econômica, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi deputado federal (1978-1991). É autor de vários livros sobre a economia brasileira.